

A N A F U R T A D O

até
nunca
mais

COMO ACEITEI,
RESISTI E
SUPEREI UM
CÂNCER



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

A N A F U R T A D O

até nunca mais

COMO ACEITEI,
RESISTI E
SUPEREI UM
CÂNCER



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Ana Furtado, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Organização de conteúdo: Bruna Molon Grotti
Coordenação editorial: Juliana Cury | Algo Novo Editorial
Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Ligia Alves e Elisa Martins
Projeto gráfico e diagramação: Vanessa Lima
Capa: Rafael Brum
Fotos de miolo: Acervo pessoal
Foto de capa: Pino Gomes
Stylist: Flavia Azevedo
Maquiagem: Guto Moraes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Furtado, Ana

Até nunca mais: como aceitei, resisti e superei um câncer /
Ana Furtado. — São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

ISBN 978-85-422-2347-7

1. Mamas – Câncer - Pacientes 2. Mamas – Câncer – Pacientes –
Narrativas pessoais I. Título

23-4351

CDD 616.944903

Índice para catálogo sistemático:

1. Mamas – Câncer – Pacientes



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo.

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

sumário

7	Prefácio, por Ana Maria Braga
11	Apresentação Viva a vida
17	Capítulo 1 O visitante indesejado
31	Capítulo 2 Por que não comigo?
48	Capítulo 3 Conto ou não conto?
62	Capítulo 4 Mitos e verdades sobre o câncer
76	Capítulo 5 Não seja apenas paciente, colabore
92	Capítulo 6 E se...
102	Capítulo 7 De Mulher-Maravilha a mulher maravilhosa
119	Capítulo 8 A palavra tem poder
138	Capítulo 9 A vida é aqui e agora
157	Carta ao câncer

capítulo 1

o visitante indesejado

Toc, toc.

Batem à porta, mas eu não estou esperando ninguém. É mais provável que seja um engano do que alguém que realmente precisa me encontrar. Por isso, não abro de imediato. Vai que a pessoa percebe a tempo que bateu à porta errada e a gente consegue evitar o constrangimento, não é mesmo?

Toc, toc, toc.

Novas batidas. Dessa vez, mais numerosas e menos espaçadas. Eu sigo sem entender. Ninguém marcou de me visitar. Inclusive, a minha rotina está tão insana que eu nem sequer teria tempo de receber uma visita sem ao menos me programar. Os mais chegados sabem disso – e só eles tomariam a liberdade de bater à minha porta assim, de surpresa. Então, decido continuar ignorando.

Toc, toc, toc, toc.

Cada vez mais batidas. Cada vez mais frenéticas. Cada vez mais difícil ignorá-las, mas eu sigo fazendo vista grossa e fingindo que não é comigo. Decido fazer quem bate à minha porta esperar ilimitadamente. No entanto, sei bem que paciência tem limite.

É aí então que aquela presença, que ainda não estava bem presente, resolve arrombar a porta, entrar e se tornar um visitante indesejado, oficializando sua existência

no seio da minha casa, no seio do meu corpo, no meu seio. Me mostrando que não: eu não tenho e nunca tive controle absoluto sobre a minha vida.

Óbvio, essa é uma metáfora, mas não é bem assim que reagimos a verdades que estão ali, dentro de nós – literalmente, no meu caso –, e nos recusamos a enxergá-las?

Logo eu, que sempre fui uma pessoa tão simpática à verdade. E é por isso, pela necessidade de ser franca, que preciso compartilhar a minha história com você. Sem mais artifícios figurativos, vamos aos fatos. E a uma jornada marcada pela minha intuição – que eu também chamo de “meu anjo da guarda”.

Toda mulher sabe o que é pressão estética. Por mais que nos enquadremos nos padrões de beleza, estamos sujeitas a essa pressão. Sempre existe alguma coisa que desejamos mudar no nosso corpo. Muitas vezes, nem sequer é uma vontade genuinamente nossa, mas sim uma expectativa social que nos sentimos obrigadas a cumprir.

E, como uma pessoa que sempre trabalhou com a própria imagem e que desenvolveu uma carreira sólida na TV, nas revistas e nas campanhas publicitárias, eu queria parecer perfeita. Pele, cabelo, corpo. Eu não me permitia uma “falha” que fosse.

Com esse pensamento, decidi colocar próteses de silicone. Sim, a trajetória que me levou à descoberta de um câncer de mama começou não como uma preocupação com a minha saúde, mas com a minha aparência.

Eu sempre gostei dos meus seios, mas gostava ainda mais da maneira como eles ficaram enquanto eu amamentava a minha filha Isabella, em 2007. E se os seios já são

extremamente representativos para as mulheres em geral, imagine para mim, que estava aparecendo em plano médio na tela de modo constante.

Plano médio, no universo da fotografia, é aquele que nos enquadra da cabeça até a cintura – o que significa que, na TV, meu colo sempre esteve em evidência. E, na constante busca pela perfeição, eu pensava em melhorá-lo. Dar aquele “up” para valorizar ainda mais a minha imagem. Para eu me sentir e parecer melhor. Então, era chegada a hora de refazer meus exames laboratoriais de mama, uma rotina que eu repito todos os semestres desde os meus 35 anos.

Cedo, se considerarmos as recomendações dos órgãos nacionais de saúde.

Segundo a Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM), o ideal é que mulheres façam mamografias anualmente a partir dos 40 anos.¹ Já de acordo com o Ministério da Saúde e o Instituto Nacional de Câncer (INCA), a recomendação é que todas as mulheres entre 50 e 69 anos realizem pelo menos uma mamografia a cada dois anos.²

- 1 ATENÇÃO aos fatores de risco do câncer de mama: quanto antes melhor. Sociedade Brasileira de Mastologia. Disponível em: <https://www.sbmastologia.com.br/atencao-aos-fatores-de-risco-do-cancer-de-mama-quanto-antes-melhor/>. Acesso em: 1º jul. 2023.
- 2 Ministério da Saúde; Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Detecção precoce do câncer. Rio de Janeiro: INCA, 2021. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/deteccao-precoce-do-cancer.pdf>. Acesso em: 1º jul. 2023.

Essa antecedência, porém, tem um motivo: eu tenho mamas densas. Mamas densas são aquelas compostas de mais tecido glandular (responsável pela produção do leite materno) do que gordura. O que não chega a ser um problema, mas exige cuidados especiais, já que a densidade da mama pode dificultar a visualização de um eventual tumor em exames de imagem.

Era setembro de 2017 quando eu refiz meus exames com um único objetivo: checar se eu tinha sinal verde para prosseguir com os planos de colocar silicone. E, aparentemente, estava tudo bem. A única “anormalidade” que o exame apontou foi um cisto, que o cirurgião plástico sugeriu que eu investigasse com um mastologista da confiança dele. Esse foi o primeiro sinal que eu recebi da minha intuição – ou melhor, do meu anjo da guarda – de que talvez alguma coisa não estivesse certa.

Então, lá fui eu me consultar com o mastologista, tranquila de que aquele seria apenas mais um cisto como tantos outros que eu já havia tido. Para a minha felicidade, o especialista confirmou que não era nada que demandasse preocupação. Apenas um cisto, uma formação cheia de líquido que o cirurgião plástico poderia retirar durante o procedimento de colocação da prótese de silicone.

Com o aval de dois médicos, eu marquei a minha cirurgia. Como estava apresentando um programa semanal na Rede Globo, o *É de Casa*, eu precisaria agendar para uma data que não fosse comprometer a rotina de gravações. E foi aí que achei uma brecha em 9 de abril de 2018, dia que se tornaria um dos mais marcantes da minha vida – portanto, guarde essa data.

Depois da marcação da cirurgia, as coisas seguiram como deveriam ser. Muito trabalho, muitos momentos especiais com a minha família, muita vida. E, como a pessoa disciplinada que sou, muita rotina também. Uma alimentação regrada, exercícios físicos diários, sono regulado e cuidados constantes com o meu corpo e a minha saúde – incluindo o autoexame das mamas todos os meses.

No começo de 2018, porém, durante o autoexame, eu senti um caroço bem naquele lugar onde os exames pré-operatórios haviam apontado o tal do cisto. Estranhei, porque o que antes era detectável apenas por exames de imagem, agora, estava bem perceptível ao toque. Passei a mão ali diversas vezes, tentando entender o que poderia estar acontecendo. E, todas as vezes que eu encostava no que até então era um simples cisto, uma voz vinha imediatamente à minha cabeça:

— Ana, investigue isso a fundo.

Segundo sinal da minha intuição – ou do meu anjo da guarda.

Então, três semanas antes da cirurgia de colocação da prótese, mais precisamente no dia 23 de março de 2018, resolvi fazer novos exames: mamografia digital, ressonância magnética e, por fim, ultrassonografia das mamas. Todos eles indicaram uma lesão classificada pela medicina como BI-RADS 4 – ou seja, uma alteração que pode ou não ser interpretada como suspeita pelos profissionais envolvidos no diagnóstico.³

3 NÓDULO mamário BI-RADS 4: o que preciso saber. *Imag. Medicina Diagnóstica*, 24 mar. 2023. Disponível em: <https://www.imagdiagnostico.com.br/artigo/nodulo-mamario-bi-rads-4-o-que-preciso-saber>. Acesso em: 2 jul. 2023.

Avaliando as características físicas do cisto, eles me aconselharam a ficar tranquila. Não era câncer. E foi então que meu anjo da guarda entrou em ação mais uma vez. Sabe quando estamos impacientes diante da falta de compreensão de alguém sobre determinado assunto e perguntamos: “Entendeu ou quer que eu desenhe?”? Foi exatamente isso que aconteceu.

Eu estava deitada fazendo o último exame – a ultrassonografia – e acompanhando as imagens projetadas em um telão à minha frente. Tudo normal, até que a médica passou o scanner pelo fatídico cisto que vinha me afligindo havia algum tempo. Para o meu espanto, ele tinha uma coloração diferente da dos demais cistos presentes na minha mama, normalmente num tom de preto profundo. Perguntei de imediato:

— Por que esse cisto está tão acinzentado?

Ao que ela respondeu, sem sinais de preocupação:

— Cistos nessa coloração em geral são mais antigos.

No entanto, eu sabia que não era o caso. Até setembro de 2017, ele nunca havia aparecido, nem nos exames de imagem, nem nos exames de toque. Então, eu disse para a médica que gostaria de fazer uma biópsia. Ela não recomendou, afinal a aparência do cisto não indicava que ele fosse maligno, mas eu insisti. E, no dia 26 de março de 2018, retirei uma amostra para análise em um dos melhores laboratórios do Brasil.

Naquele momento, sei que meu anjo da guarda vibrou de felicidade. Eu finalmente havia entendido o recado que ele queria me passar. No entanto, eu me angustiei. A cada manhã em que eu acordava e o resultado ainda

não havia saído, eu desconfiava mais. Foram cinco dias de aflição, como se alguém tivesse me mandado uma mensagem dizendo que precisava conversar comigo sobre um assunto sério, mas me fizesse esperar quase uma semana para a revelação.

Até que, em 28 de março de 2018, minha ansiedade me fez agir. Eu estava em casa e decidi ligar para o laboratório, perguntando se o resultado já estava pronto. E sim, ele já estava. Não era o procedimento padrão, porém, para colocar um fim à minha angústia, o laboratório me encaminhou o laudo. “Carcinoma” era o que estava escrito naquela folha, a princípio, intrigante. Mas eu não sabia o que era um carcinoma.

Na agitação de querer entender o que seria da minha vida, joguei o termo no Google. Foi a pior coisa que eu poderia ter feito por mim mesma naquele momento, porque os resultados da busca foram os mais catastróficos possíveis. Carcinoma significava câncer. E, por mais que isso não estivesse escrito com todas as letras em nenhum lugar, eu sabia que câncer era sinônimo de sofrimento, angústia, punição, carma ruim, perdas. Morte. Eu estava diante da finitude, como nunca havia estado antes.

Desesperada, liguei para a mastologista.

— Alô, doutora? Eu recebi o laudo do meu exame, e aqui diz “carcinoma”. Eu estou com câncer?

Não sei se a minha expectativa era confirmar a desgraça que se abatia sobre mim ou escutar uma resposta improvável que me aliviasse. Algo do tipo: *o Google, oráculo do século XXI, está errado. Você não tem nada, Ana!*

Ao contrário disso, porém, ela pediu que eu fosse até o consultório. Não queria tratar de um assunto tão delicado por telefone.

Naquele momento, minha casa estava silenciosa, como costuma ser em todo fim de tarde. Minha voz ecoou no silêncio, subiu as escadas e chegou ao segundo andar, onde o Boninho, meu marido e companheiro de vida, estava em reunião. Imediatamente, ao ouvir aquela palavra tão cruel saindo da minha boca num tom de incredulidade, ele desceu, com os olhos arregalados.

Ele me viu desligar o telefone em choque. Era como se eu tivesse caído num buraco, num vácuo onde meus sentidos não funcionavam. Eu não enxergava nada. Não ouvia nada. Não sentia cheiro nenhum. Gosto nenhum. Não conseguia tatear nada. A impressão era a de que eu já havia morrido, saído do meu corpo, e que estava assistindo a mim mesma com um certo distanciamento.

Isso realmente está acontecendo comigo? Essa pessoa tão fragilizada sou eu? Eu estou acordada? Esse diagnóstico é verdadeiro ou apenas um sonho ruim? Será que a minha história acaba aqui? Será que é disso que eu vou morrer?

Esses eram os pensamentos que me atormentavam enquanto eu flutuava no nada, aos 44 anos, com o diagnóstico de uma doença que poderia ser terminal.

De alguma maneira, receber o diagnóstico me lembrou da sensação de tomar um *coscorrón*, aquele shot de tequila servido à moda mexicana e que vem acompanhado de um chacoalhão na cabeça que nos faz perder a noção de tudo, potencializando o efeito de tontura produzido pelo álcool.